

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

E A VIDA CONTINUA

6 e 15 de Julho de 2020

THE EGYPTIAN / 1954

O EGÍPCIO

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz *Argumento:* Philip Dunne, Casey Robinson *a partir do romance de* Mika Waltari (*Sinuhe egyptiläinen*, 1945) *Fotografia:* Leon Shamrov *Som:* Alfred Bruzlin *Montagem:* Barbara McLean *Música:* Bernard Herrmann, Alfred Newman *Direcção Artística:* George W. Davis, Lyle R. Wheeler *Cenografia:* Paul S. Fox *Caracterização:* Ben Nye, Helen Turpin *Efeitos visuais:* Ray Kellogg *Interpretação:* Edmund Purdom (Sinuhe), Victor Mature (Horemheb), Jean Simmons (Merit), Bella Darvi (Nefer), Gene Tierney (Baketamon), Michael Wilding (Akhenaten), Peter Ustinov (Kaptah), Judith Evelyn (Rainha Mãe Taia), Henry Daniell (Mekere), John Carradine (ladrão de túmulos), Carl Benton Reid (Senmut), Tommy Rettig (Tith), Anitra Stevens (Rainha Nefertiti), Peter Reynolds (Sinuhe, aos 10 anos), etc.

Produção: Twentieth Century Fox (Estados Unidos, 1954) *Produtor:* Darryl F. Zanuck *Estreia:* 24 de Agosto de 1954, em Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 18 de Abril de 1955, nos cinemas Tivoli e Politeama *Cópia:* DCP, cor (Deluxe), CinemaScope, legendada electronicamente em português, 139 minutos *Primeira exibição na Cinemateca.*

Conduzidos por Michael Curtiz, seguimos em ecrã largo e cores vivas para o Egipto do século XIV a. C. durante o reinado do Faraó Aquenáton (Akhenaten), que, longe de Hitchcock (UNDER CAPRICORN, STAGE FRIGHT), o britânico Michael Wilding compõe como o soberano meditativo que acredita mais na luz do Deus à imagem do Sol que no ouro e no sangue do poder reluzente que lhe é atribuído quando sobe ao trono. Tudo (ou quase) se passa entre esse e o momento em que sai de cena, tragado o veneno que o homem que outrora o salvou lhe oferece para capitular, salvando o próprio espírito com as palavras que escuta ao faraó moribundo.

É o *happy end* possível na vida de Sinué (Sinuhe): o musculado e moreno médico interpretado pelo também britânico Edmund Purdom é o protagonista e narrador do filme primeiramente proposto a Marlon Brando, o único em que foi verdadeiramente uma estrela de Hollywood. É ele o *egípcio*, por quem Jean Simmons, a plebeia Merit, se apaixona irremediavelmente; que se deixa desvairar pela babilónica cortesã Nefer de Bella Darvi, no mesmo ano enamorada de Richard Widmark em HELL AND HIGH WATER de Fuller; que escuta a Gene Tierney o segredo que lhe desvenda a origem incógnita no papel da imperial, dura e certa ao tiro à flecha Baketamon. Por essa altura, já as pistas foram dadas, quando chamado aos aposentos da Rainha-mãe de Judith Evelyn, a Miss Lonelyhearts de REAR WINDOW, Sinuhe responde a perguntas antigas à desgastada Rainha de coração solitário. É a cena em que Evelyn bebe vinho de uma taça generosa e limpa a boca no gesto brusco que mais para a frente vemos Tierney repetir, como a mãe, exactamente. É também essa a cena em que a Rainha-mãe afirma ter tido dois filhos de vocações trocadas falando da brandura do faraó e da rijeza da princesa Tierney.

O poder, a política, a religião, a identidade, o sexo, o amor, nos meandros faraónicos e miseráveis da Antiguidade Egípcia reconstituída in loco e nos estúdios da 20th Century Fox são a seiva deste THE EGYPTIAN, que encontra outros vértices na personagem ambiciosamente guerreira de Victor Mature, Horemheb, e no servo zoroastriano de Peter Ustinov, Kaptah, um auto-proclamado ladrão de bom coração escondido. E até John Carradine encontramos fugazmente no deserto, com todo o gosto, quando com ele se depara Sinuhe, o pobre médico dos pobres então caído em desgraça que há-de reinventar-se como médico de ricos em terras estrangeiras. A intriga é épica, como épicos são os cenários, que em parte haviam de servir a DeMille nos DEZ MANDAMENTOS de 1956.

Corriam os anos 50, que foram também os do magnífico LAND OF THE PHAROHS de Hawks (1955), quando Hollywood se encantou com a abordagem histórica e o peplum, ou *sword-and-sandal*, achados da indústria cinematográfica italiana. Sem a mesma magnificência, pese embora todo o apelo do elenco e luxúria da produção, a espada e as sandálias, as túnicas, a paleta de cores que brilham nas vestes, nas pedras coloridas que adornam braços e cabeleiras, nos traços que realçam os olhos, no verniz das unhas tintadas das personagens femininas, THE EGYPTIAN vem daí. Não rigorosamente cuidando dos factos históricos, cruza a vertente épica da Antiguidade, uma inspiração da literatura antiga egípcia (*A história de Sinué*, cujos primeiros manuscritos datam, na realidade, de séculos antes da dinastia egípcia retratada no filme) ao que tudo indica explanada na época *best seller* de Waltari que está na base do argumento, e uma leitura revivalista desses meados do século XX: por essa altura, o atonismo, religião que venerava o disco do Sol do deus Aton, como o faraó evocado no filme, foi popularmente reinterpretado no sentido proto-Cristão para o qual THE EGYPTIAN vai apontado e o cartão final inscreve lapidariamente lembrando o tempo da história contada em flashback séculos antes do nascimento de Jesus Cristo.

É o espectáculo que comanda as hostes. O trailer original do filme do prolífero Michael Curtiz, então recém-saído da Warner Bros. em que sempre o teremos em Casablanca, faz ribombar os valores da “mais iminente produção de Darryl F. Zanuck”, uma “mighty production” que convoca uma história de há “33 séculos pelo milagre do CinemaScope”, “3 anos em preparação! 2 anos em produção! Milhares no elenco espectacular! Estamos no Egipto antigo, terra dos faraós, do Nilo, da mais antiga das civilizações do mundo...” Confere, e ainda assim, a cena que fica na retina faz-se de grandes planos cerrados de traves de madeira rentes ao chão manobradas pelo trabalho escravo das construções faraónicas pela pura graça da linguagem cinematográfica.

Maria João Madeira